

“POESIA E EXÍLIO” DE LÚCIO RODRIGUES: CRÍTICA LITERÁRIA E IDENTIDADE CULTURAL NA GOAN WORLD (1924-1942)¹

“POETRY AND EXILE” OF LÚCIO RODRIGUES: LITERARY CRITIQUE AND CULTURAL IDENTITY IN THE GOAN WORLD (1924-1942)

ADELAIDE MURALHA VIEIRA MACHADO²

RESUMO: A revista *Goan World* (1924-1942) foi publicada em Bombaim, em inglês, e patrocinada pelo Indo-Portuguese Publicity Bureau, que assumia o lugar de diretor no cabeçalho. A publicação destinava-se às comunidades goesas no mundo. Daí a escolha da língua inglesa como aquela que melhor alargaria a rede de correspondentes e leitores da revista, bem como o público mais amplo a que se pretendia chegar. Apresentando a *Goan World* como revista intelectual, isto é, com a missão de intervir cultural e politicamente, os seus editores apresentaram um manifesto permanente contra a ditadura portuguesa e pela independência da Índia, sendo Goa parte dessa nova nação, tendo preservada sua autonomia. Foi pelo viés da cultura literária que os responsáveis da revista mais afirmaram o seu lado nacionalista, demonstrando a existência de uma produção literária indiana e, sobretudo, goesa. Um dos principais colaboradores da revista, Lúcio Rodrigues, professor em Bombaim, busca fundamentar a ideia que liga identidade e nacionalismo literário. Elabora um ensaio que elege três poetas goeses em situação de exílio em Bombaim e, assim, procura caracterizar o que viria a ser a poesia e, por extensão, a literatura goesa.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio, Goa, Imprensa Colonial, Nacionalismo literário, Redes intelectuais.

ABSTRACT: The review *Golden World* (1924-1942), published in Bombay in English, identified as its board of directors the Indo-Portuguese Publicity Bureau. The publication was intended for the Goan community around the world. Hence, the choice of the English language to broaden the network of its correspondents and reach a bigger audience. Introducing *Goan World* as an intellectual magazine, that is, with the mission

1 Este texto foi desenvolvido no âmbito do Projeto Temático Pensando Goa, financiado pela FAPESP (Proc.2014/15657-8).

2 Pós-doutoranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP; bolsista FAPESP.

of intervening Goan society both culturally and politically, its editors were actually presenting a permanent manifesto against the Portuguese dictatorship and in favour of the independence of India, which also considered Goa as part of this new nation, but preserving its autonomy. It was from the perspective of literary culture that the magazine's leaders affirmed their nationalism demonstrating the existence of a rich Indian but, principally, Goan literary production. One of the magazine's main contributors, Lúcio Rodrigues, a teacher in Bombay, sought to establish a firm link between identity and literary nationalism. He wrote an essay on three exiled Goan poets in Bombay, and thus tried to characterize what would become Goan poetry in particular and, by extension, Goan literature.

KEYWORDS: Exile, Goa, Colonial Press, Literary Nationalism, Intellectual Networks.

A revista mensal *Goan World* (1924-1942) foi publicada em Bombaim em inglês, sendo que, no cabeçalho, o *Indo-Portuguese Publicity Bureau* ocupava o lugar de diretor. Seu fundador e redator principal foi Justino de Sousa, nascido em Calangute, Goa, professor universitário e jornalista em Bombaim. Como colaboradores destacavam-se Avertano Correia Fernandes, Braz A. Fernandes, Jorge M. Morais, Ezilda Ribeiro Sousa, Armando Menezes, Lúcio Rodrigues, Manuel Caetano Rodrigues (M. C. Rodrigues), Cornélio Apolínio Gomes, Manuel F. Colaço, Joaquim Alberto Sequeira, Patrocínio de Andrade (Oberon). Vindos de Goa, mas vivendo em Bombaim, a larga maioria destes colaboradores eram professores universitários, escritores e homens de letras, mas nem a revista era acadêmica, nem o era o público que pretendiam alcançar.³

A publicação destinava-se às comunidades goesas no mundo. Como subtítulo, os editores assumiam que aquela seria uma revista mensal, devotada à discussão de todos os tópicos de interesse dessa comunidade. No lema⁴ afirmavam que quem ajudasse o mundo goês (*Goan World*) ajudava o mundo que a revista através dos seus fundadores e editores pretendia servir. A direção da revista e os redactores escolhiam para si o papel cultural e político de mediadores entre as comunidades goesas espalhadas pelo mundo, e enfrentavam desafios e angariavam incentivos em várias frentes dentro do duplo contexto imperial português e britânico. Em termos culturais e políticos, a revista, apesar de centrada em Bombaim e fazendo parte da cultura letrada daquela cidade, funcionava como placa giratória entre Goa e Portugal, entre Goa e Bombaim, entre a Goa migrada e exilada em Bombaim e o resto da diáspora goesa, no caso em Moçambique e na África inglesa, no Quênia e na Tanzânia. Daí, também, a escolha da língua inglesa como aquela que melhor alargaria a rede intelectual de correspondentes que alimentava a revista e o público mais amplo a que pretendia chegar.

A linha editorial desta revista intelectual sempre se opôs à ditadura portuguesa instaurada com o golpe de militar de 28 de maio de 1926, e à legislação que,

3 Tirando três dentre os colaboradores – Braz A. Fernandes, engenheiro, escritor e jornalista em Bombaim; Ezilda Ribeiro Sousa, escritora de literatura de viagem, que contribuiu em alguns números da revista com esse gênero literário; Cornélio Apolínio Gomes, reitor do liceu em Chinchinin, Goa –, todos os outros faziam parte da comunidade acadêmica de Bombaim. Nascidos nos finais do século XIX e início do século XX, conheceram e apoiaram ativamente quer a independência da Índia (1947), quer a posterior libertação de Goa (1961).

4 “When you help the Goan World you help the world it endeavours to serve” - este lema deixou de fazer parte do cabeçalho do jornal, no final desta década.

sumarizada no Ato Colonial de 1930, estabelecia uma realidade imperial pela qual as colônias portuguesas se submetiam à metrópole, considerada esta como *essencialmente civilizadora* no articulado daquela lei. O cidadão do império nascido na colônia, ainda depois de assimilado (SILVA, 2016, p. 323-364),⁵ seria sempre considerado como inferior, se não em deveres certamente em direitos, face ao cidadão da metrópole. Essa cidadania de segunda, como falsa cidadania que era, foi motivo de descontentamento na imprensa goesa, fazendo nascer um movimento que, em sentido contrário, buscava nas tradições culturais indo-portuguesas as narrativas que completavam a identidade goesa. Podemos sempre negar e contrapor esta designação, ignorá-la mesmo; ou podemos tentar entender o porquê da sua existência e por que estes intelectuais de Bombaim, opositores ao regime colonialista e ditatorial português, se opunham a ela, no quadro da luta pela independência da Índia inglesa.

A *Goan World* enquadrava-se na realidade cultural e política da cidade de Bombaim, onde a comunidade goesa era muito numerosa e socialmente diversificada, colocando-se várias questões relativas a influências e à cidadania. Nessa comunidade, a expressão indo-portuguesa era por si só um marco de identidade e pertença, ao combinar, de forma que se dizia única, as heranças indiana e portuguesa, como veremos de seguida, recuando no tempo e na história da cidade.

A antiga Bombaim, atual Mumbai, era um lugar de conexões cosmopolitas, cuja história, a partir do século XVI, se dividiu entre os impérios coloniais, o português e o britânico, sobrepondo-se, conectando-se ou correndo em paralelo com várias outras histórias, incluindo a das religiões e das culturas que lhes estavam adscritas. No século XVI, a posição dos portugueses no xadrez político da região passava pela aliança com os hindus contra os muçulmanos; como parte dessa estratégia, aquela região foi cedida aos portugueses como contrapartida de guerra, pelo sultanato de Guzarate no século XVI, em 1534. Já no século XVII passou para o império britânico, como dote de casamento de uma princesa portuguesa, Catarina de Bragança, com o rei católico inglês Carlos II (Stuart), em 1661. Entretanto, os territórios ao norte de Bombaim, como Salsete, permaneceram em domínio português até meados do século XVIII, altura em que todo esse território foi tomado pelo império Marata, em 1740, e trinta anos depois

5 “Assimilado” significava “culturalmente ocidentalizado”, aceitando as regras de convívio, as leis e a língua, sendo, por isso, também, uma figura jurídica.

pelos ingleses, que dominaram toda a região a partir de 1770. Daqui decorrente, houve uma comunidade de católicos que permaneceu em Bombaim, continuou a autodenominar-se como comunidade portuguesa e a ser conhecida com tal. Por outro lado, a corrente migratória goesa foi, também ela, formando uma comunidade e reclamando para si o catolicismo e a portugalidade que lhe era então inerente (GOMES, 2007, p. 600).

Em 1887, os *Bombay Portuguese*, como eram conhecidos os católicos nativos desta cidade, decidiram alterar o seu nome para *Bombay East-Indian Community* através da criação da *Bombay East Indian Association*, fundada por 27 membros (GOMES, 2007, p.569), e cuja direção defendia, apesar de serem católicos, a fidelidade ao império britânico. Esta associação provocou reações de desaprovacão entre a comunidade católica de Bombaim e, em consequência, foi tentada, sem sucesso, a criação de uma associação intitulada *Bombay Portuguese Association*, sendo lançado o jornal *Português Britânico*.⁶ Um dos objetivos da *East Indian* era precisamente demarcar-se dos migrantes goeses e, desde meados do século XIX, altura em que os goeses migraram em maior número, a comunidade católica já existente sentiu-se ameaçada na sua identidade e no acesso privilegiado que tinha até aí, por parte dos ingleses, a certos postos no funcionalismo, com o conseqüente prestígio em sociedade. São conhecidas algumas disputas com a tentativa de se desacreditarem mutuamente, ao mesmo tempo que tentavam assumir o controle da comunidade católica. Já na questão do Padroado *versus* Propaganda Fide, a maioria dos *East Indians* pendia para o primeiro e a “anglicização” dessas elites foi progressivamente criando zonas de permeabilidade que, sem que as respetivas origens fossem esquecidas, tornaram possível uma conciliação de interesses em termos políticos e culturais, sobretudo a partir do início do fim do Padroado, em 1928.

Ao longo do século XX, várias transversalidades de insurgência e contestação vieram pôr estas duas comunidades em comunicação, e os apelos à unidade cristã perpassaram a imprensa periódica católica em Bombaim, desta feita, para

6 Para o estudo desta comunidade e da sua interação com os migrantes goeses nos séculos XIX e XX, este jornal e sobretudo *O Patriota*, que encerrou suas actividades em 1882, bem como *O Anglo-Lusitano* (1886-1955), de que destacamos o estudo de Sandra Ataíde Lobo, para o século XIX, são peças fundamentais a pedir um estudo cruzado com as biografias intelectuais, quer dos jornais, quer dos seus atores, que certamente explicarão os desencontros oitocentistas e os encontros novecentistas destas comunidades.

que se lhes garantisse espaço, quer no funcionalismo público, quer no Congresso Indiano, que estava a ser composto na altura a partir do acordo dos ingleses com várias forças políticas, comunidades e grupos religiosos, com direito a representações no seu interior. Também a unidade entre as comunidades hindus e católicas vindas de Goa, no que respeitou aos protestos contra o Ato Colonial português, conheceu momentos de luta organizada pela intelectualidade goesa, que tradicionalmente escolhia Bombaim como lugar de prolongamento de estudos para cursos superiores ou projeção de carreira e, em muitos casos, como lugar de exílio (MENEZES BRAGANÇA, *Pracasha*, 21 jun. 1933, p. 1). Com a ditadura em Goa, a censura prévia, perseguições e prisões dos opositores do regime, este tipo de migração aumentou exponencialmente na década de 30, fosse na forma de exílios voluntários que aconteciam para evitar os processos que conduziam a prisões, fosse já fugas consumadas. Em ambos os casos, procurava-se uma maior liberdade de expressão que a Índia inglesa ainda permitia.

Muitos dos redatores da *Goan World*, com quem já nos cruzámos noutros jornais de iniciativa goesa, nomeadamente em *O Anglo-Lusitano* de Bombaim e no *Pracasha* de Goa, nos quais manifestavam o seu repúdio à ditadura, sua simpatia pelos regimes democráticos e apoio ao Congresso Indiano contra o império britânico demonstraram nesta revista, ao longo de editoriais políticos, comentários, crítica, notícias acerca de migrações e das comunidades goesas, o seu conhecimento e capacidade de análise quanto ao que se passava cultural e politicamente no resto do mundo, numa altura particularmente complicada, que coincidiu com as vésperas e o início da Segunda Guerra Mundial. Os regimes autoritários que, na opinião da revista incluíam o nazismo e o estalinismo, foram devidamente assinalados e criticados em vários momentos: foto comentada de Stalin apresentado como ditador (*Goan World*, março de 19, p. 32); artigo de Hedwige Nunes, “Recollection of Spain” [Recortes de Espanha] (*Goan World*, outubro de 1936, p. 16-17), ou ainda o editorial “India and the War” [Índia e a Guerra] (*Goan World*, setembro de 1939, p.1).

Na relação com Portugal, manifestavam repúdio e descontentamento quanto às políticas de fomento económico em Goa e, sobretudo, quanto aos currículos educacionais que achavam deficientes e desadequados à realidade indiana, não faltando editoriais contra os modelos da política colonial portuguesa no seu todo, tais como os artigos de Armando de Meneses, “Our Motherland” [A Nossa Mãe Pátria] (*Goan World*, fevereiro de 1939, editorial, p. 5-7) ou de Cornélio

Gomes, “The Portuguese Colonial Policy” [A Política Colonial Portuguesa] (*Goan World*, março de 1939, p.1).

De Chinchinin, Cornélio Gomes lembrava que o concani era a língua-mãe dos goeses (*Goan World*, novembro de 1936, p. 35-36), no que era secundado por vários outros autores. Em janeiro de 1939, o *Indo-Portuguese Publicity Bureau* que, como sabemos, patrocinava a *Goan World*, anunciava, através de um artigo sugestivamente intitulado “A nossa primeira saudação” (*Goan World*, p. 26), o lançamento de um novo semanário em concani, *Novem Jivit*, confirmando, pela escolha desta língua, o desejo de chegar a um público mais popular dentro da comunidade goesa.

Na secção, “On the Banks of Mandovi” [Nas Margens do Mandovi],⁷ produzida em Goa, podiam ler-se mensalmente reflexões políticas sobre a atuação das autoridades na colónia portuguesa e nelas transparecia, muitas vezes, o debate com a imprensa goesa mais conservadora de *A Vida* e de *O Independente* (*Goan World*, “On the Banks of Mandovi”, abril de 1939, p. 17-18), que acusavam as crónicas do autor da coluna do *Goan World* como subversivas. A secção de Oberon, “Eccentricities” [Excentricidades], entre a crónica e o folhetim, usava o tom confessional para expor críticas e elogios à sociedade e comunidades goesas.

Um debate relevante da revista se faz a propósito das associações goesas naquela cidade. Uma delas, a *Emigrant Committee Fund* (Comité do Fundo Emigrante) criada, em 1932, pelo governo de Goa, com o propósito de ajudar os emigrantes goeses carenciados, sofreu, em 1939, uma espécie de remodelação política que traduziu um endurecimento da ditadura portuguesa. Em 1937, tinha já sido criada em Goa uma sede do partido único português, a União Nacional⁸, dirigida por um goês, José F. Ferreira Martins. Por essa porta entrou, também, em Goa, a PIDE, polícia política, que foi, aos poucos, perseguindo a imprensa de forma sistemática e muitos jornais de opositores ao regime acabam por fechar

7 No *Anglo-Lusitano* comemorativo dos seus 48 anos (1934), um dos artigos assinado “Um índio”, tinha o título da coluna citada e referia a existência em Lisboa, Goa e Bombaim do movimento Índia Nova, o que nos leva a crer que este autor seria o genro do democrata e *freedom fighter* Luís Menezes Bragança, António Furtado, casado com Beatriz Menezes Bragança. Embora esta secção não tenha assinatura, e o jornal reclame com orgulho, que o autor é seu correspondente, julgamos tratar-se deste jornalista que se destacaria na oposição e resistência ao colonialismo.

8 Arquivo Nacional da Torre do Tombo. ANTT-PT/TT/AOS/D-M/38/2/8.

em 1937.⁹ Seguindo esse propósito, o governo de Goa fez sair um alvará que extinguiu o Fundo do Emigrante e, em seu lugar, criou o Instituto Luso-Indiano em Bombaim. Junto com o facto de já existir um instituto com esse nome na cidade, o propósito da sua criação foi imediatamente denunciado na imprensa goesa em Bombaim e em Goa. O próprio texto da lei não deixava dúvidas quanto aos objetivos do novo instituto:

É criado na cidade de Bombaim com a designação de Instituto Luso-Indiano, um organismo oficial, com personalidade jurídica, tendo por fim prestar a assistência e proteção aos emigrantes indo-portugueses na Índia Britânica, *estimulando-lhes o ideal patriótico, a consciência cívica, e o sentimento de solidariedade nacional.* (*Goan World*, junho de 1939; p. 6, itálico do texto)

Para além de acusarem diretamente as autoridades do abandono da questão social em favor da atribuição de um mandato político à nova instituição que tinha como funções:

Propor todas as medidas que julgar convenientes para o melhoramento e defesa das condições económicas, sociais e políticas da emigração indo-portuguesa na Índia Britânica e dar parecer sobre todos os assuntos acerca dos quais for consultada pelos Governador Geral. (*Goan World*, Junho de 1939, p. 6)

A *Goan World* foi mais longe denunciando as ligações desse mandato ao partido único da ditadura portuguesa e à sua implantação fora de Goa.

Parece que a lei pretende transplantar a União Nacional para a Índia Britânica e suprimir a voz e destruir o carácter representativo das instituições populares da nossa Comunidade [...] O governo de Goa parece também não ter notado as mudanças do momento que têm vindo a acontecer e estão acontecendo na vida política da Índia Britânica, mudanças que estão constantemente a moldar as perspetivas dos jovens Goeses; e sem faltar à verdade com Portugal, com o

9 Nesta leva podemos incluir o *Pracasha*, jornal que em Goa juntou hindus e católicos pela democracia e tolerância religiosa contra a ditadura colonial, obrigado a fechar definitivamente também neste ano.

qual temos conexões há mais de quatrocentos anos, nós sentimos ser nosso dever dar o nosso amor e a nossa lealdade para com a nossa Pátria que é a Índia. Estamos naturalmente orgulhosos que a civilização indiana perdida, que também é a nossa civilização, está agora voltando a si própria, navegando na maré alta do nacionalismo. (*Goan World*, Junho de 1939, p. 6-7; tradução nossa)¹⁰

Estava aqui sumarizada a vontade política da revista. Não negava as histórias e culturas que se tinham conectado em Goa, nem a sua influência na identidade local, mas as escolhas estavam feitas, não só quanto ao regime que pretendiam fosse livre democrático e representativo mas, também, quanto ao desejo de num futuro próximo Goa pertencer a uma Índia independente dos impérios coloniais. Apoiando Gandhi e a ala do Congresso Indiano,¹¹ que propunham um interregno na luta pela independência a favor da frente aliada contra o nazismo e o fascismo durante a Segunda Guerra Mundial, reforçavam a ideia de que só um regime democrático de representação alargada serviria à Índia¹² (*Goan World*, “Congress Message to Catholics” [Mensagem do Congresso aos Católicos], fevereiro de 1939, p. 1). Também Armando de Meneses defendia na sua crónica mensal, “Letters to Granny” [Cartas a avó], o futuro de Goa numa Índia federada no texto “On Ourselves and Congress” [Nós e o Congresso] (*Goan World*, fevereiro de 1939, p.15-17).

Armando Meneses, além de redator da *Goan World*, era também professor universitário de literatura (D’LIMA, 2003), enquadrando não só o seu conhecimento e saber científicos, mas a sua vontade, enquanto intelectual, de intervir

10 It seems that the Bill aims at transplanting the União Nacional into British India and supressing the voice and destroying the representative character of the popular institutions of our Community [...] The Government of Goa does not also seem to have taken notice of the momentous changes that have taken place are taking place in the political life of British India, changes which are constantly shaping the outlook of young Goans; and without being untrue to Portugal, with which we have connections for more than four centuries, we feel it to be our bounden duty to give our love and loyalty to our great Motherland that is India. We are naturally proud that the lost Indian civilisation, which is also *our* [itálico no texto] civilisation, is now coming into its own in the wake of the floodtide of nationalist awakening.

11 Apoiavam o discurso de Nehru aos católicos, defendendo a sua integração num regime laico e democrático.

12 Já em novembro de 1936, um artigo sobre as pretensões coloniais alemãs era ilustrado com a imagem de Hitler sobre o mapa da Índia e traduzia, melhor que em palavras, a ideia do que poderia vir a acontecer no subcontinente, se os nazistas não fossem impedidos.

beneficamente na realidade cultural e política com a missão de a transformar. Nacionalista, tinha como objetivo adaptar a situação de Goa a uma Índia independente, tal como estava a ser pensada na altura por grande parte do Congresso Indiano, como uma federação de estados. Nesse sentido, teceria observações sobre o conteúdo do suporte material através do qual difundia os seus escritos e ideias no artigo que intitulou “Sobre Jornalismo” (*Goan World*, janeiro de 1939, Armando Meneses. “Letters to Granny”: “On our Journalism”, pp. 14/15). Utilizava a ironia como forma de criticar a situação deste veículo de informação, falando de quais seriam as resoluções do jornalismo para 1939, pelo inverso do que deveriam ser. Assim, onde se lia que nenhum jornal deveria ter uma política clara, para que o editor mudasse de linha consoante os seus interesses, que os jornais não deviam atacar princípios, mas pessoas, que nenhuma acusação ou insinuação deveria ser fundamentada e que as trivialidades seriam a ordem do dia ao longo do ano jornalístico, e qualquer tentativa de tratar de assuntos mais sérios seria imediatamente taxada como enigmática ou mística, deveria entender-se exactamente o oposto. Neste mundo ao contrário, seguiam-se os assuntos *a serem banidos* na imprensa Goesa para o ano que corria:

A nossa emigração, especialmente a nossa emigração feminina; o nosso futuro político; a unidade das comunidades; castas; ditadura e democracia; pobreza e socialismo; inglês e vernaculares; católicos e congresso; a liberdade de imprensa; guerra e paz; proibição e controle da natalidade; a menor alusão a qualquer desses assuntos será substituída por notícias sobre o Fundo dos Emigrantes para lembrar às pessoas que existe; ou não havendo nada melhor para publicar, o espaço será preenchido com recortes oficiais ou uma prosa autoelogiosa. (*Goan World*, janeiro de 1939, p. 16; tradução nossa)¹³

13 Our emigration, specially our female emigration; our political future; communal unity; caste; dictatorship and democracy; poverty and socialism; English and the vernaculars; Catholics and Congress; the liberty of the Press; war and peace; Prohibition and birth control; the faintest allusion to any of these will be flung at the Emigrant’s Fund to remind people of its existence, or there being nothing better to print, space will be filled with cuttings from bulletins or self-laudatory prose.

Era uma demonstração da agenda política tratada na revista até aí e, ao mesmo tempo, o anúncio dessa continuidade temática nos tempos vindouros. Era, também, uma denúncia da censura à imprensa existente em Goa.

Foi, no entanto, pelo viés da cultura literária que a revista mais afirmou o seu lado nacionalista, querendo sedimentar a existência de uma produção literária goesa, no caso em inglês,¹⁴ pelas razões de divulgação acima apontadas. Desde os primeiros números, a *Goan World* deixou claro que receberia textos literários para publicação, por meio de apelos e explicitação de normas de escrita.¹⁵ (*Goan World*, fevereiro de 1924, p. 2). De forma sistemática foram publicadas poemas e contos escritos por goeses em língua inglesa, mas também, muitos artigos de recensão e crítica literária. Não só através das secções da revista “*Reviews*” ou “*Publications Received*”, nas quais várias obras de história, literatura e cultura goesas eram apresentadas ou simplesmente nomeadas, mas também por meio de textos críticos que davam protagonismo ao autor do comentário sobre a obra ou obras de outros autores. A crítica literária tornara-se, obviamente, relevante para a construção das culturas nacionais, mantendo vivo o debate literário de uma forma que se pretendia propedêutica (NITRINI, 1997). Ambas se relacionavam com a historicidade do lugar de enunciação e com a tradição literária em que se encaixavam, local ou universal, como continuação das mesmas ou em ruptura (SETHI, 2002).

A construção, como representação, de nacionalidades e culturas nacionais, que teve o seu início na França proto-revolucionária, a que se seguiram as revoluções americana e francesa, passando pelas independências sul-americanas, e contagiando a África e a Ásia, fundou uma nova maneira de ler e escrever as histórias nacionais, a prova histórica, a fonte. Produziu, também, o romance histórico. Ao longo dos séculos XIX e XX, os jornais e revistas divulgaram as novas descobertas arqueológicas e etnográficas, que fundavam o passado histórico de cada nação e vulgarizavam, em folhetim, essa nova literatura, que pretendia chegar ao povo através dos heróis vindos das camadas mais populares da sociedade. Literatura e cultura eram formas de objetivação da realidade nacional, a ter

14 No referido artigo, afirma-se que “Goan poets have written in many languages” [Os poetas goeses escreveram em muitas línguas] (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 34).

15 Em todos os números podia ler-se: “Literary contribution and correspondance intendend to publication in the *Goan World*...” [As contribuições literárias e correspondência para publicação no *Goan World*...], a que se seguiam regras de envio de manuscritos.

em conta na compreensão e interpretação quer das formas globais que assumiu, quer das especificidades das várias camadas de nacionalismos contemporâneos, mais inclusivos uns, mais exclusivistas outros, com prolongamentos até aos dias de hoje.

Na complexidade da sociedade colonial indiana, na qual se incluíam os goeses e as respetivas comunidades migrantes na Índia inglesa, temos vindo a constatar, através da *Goan World*, um reconhecimento das duas dimensões de que falámos anteriormente. A interculturalidade, que se pretendia ética e não hierarquizada, entre as histórias que se conectavam de impérios antigos e modernos, era agora revista à luz de todo esse processo. Em Bombaim, os impulsionadores da revista que analisamos tinham aceite esse passado como impossível de apagar, mas tinham feito a partir daí várias opções conscientes, em termos culturais e políticos. A integração de Goa na Índia do Congresso, no projeto de Gandhi e de Nehru, era uma dessas opções, e a ideia de uma federação de estados agradava a todos os que defendiam uma autonomia para Goa. Justificava-se assim, também, o querer dotar Goa de uma identidade que traduzia algo único no todo da Índia. A ideia de uma cultura indo-portuguesa enquadrava-se nessa mundivisão e identidade da comunidade goesa em Bombaim, como vimos, e de Goa na Índia¹⁶, mas sem esgotar, em si, a complexidade e a riqueza das várias conexões milenares.

Lúcio Rodrigues, professor universitário de literatura inglesa em Bombaim, fez toda a sua carreira no ensino superior. Dedicou a sua investigação ao folclore, contos, lendas, música e dança goesas. Foi Congressista, saudou a independência da Índia, em 1947, e a libertação de Goa em 1961. Ao longo da vida, colaborou em vários jornais. Escreveu em português, mas, sobretudo, em inglês e concani. Era colaborador frequente da *Goan World* e expressou-se através de vários géneros literários, com destaque para a poesia e o conto. Escreveu também alguns ensaios sobre temas da actualidade de Goa. Fundamentando a ideia que relaciona identidade e literatura nacional, apresentamos, desse autor, uma

16 Em Calcutá a revista mais significativa da intelectualidade goesa era a *Indo-Portuguese Review* (1919-1933). Entre 1933-1935, foi editada, também, em Bombaim, uma revista chamada *Indo-Portuguese Annual*, contando com vários exilados entre seus redatores, como Tristão Bragança Cunha e Carlos da Cruz, muito perseguida pela diplomacia da ditadura portuguesa naquela cidade.

crítica à poesia goesa através de três dos seus representantes em situação de exílio em Bombaim.

A maior e mais importante parte da história dos goeses durante o último século foi a história da emigração. Da terra que os viu nascer eles avançaram para o grande mundo. Mas olharam sempre saudosamente para trás. As memórias de casa, o desejo de voltar mais uma vez à aldeia onde passaram a melhor parte da juventude, manteve-se sempre com eles nas suas deambulações. Este amor espiritual tem raízes profundas em todos os goeses, e é na poesia goesa que se apresenta de forma mais clara. A literatura sempre expressou a alma de um povo. Os seus pensamentos, sentimentos, paixões, esperanças, conquistas, alegrias, sempre encontraram eco na literatura. O poeta sempre os cantou nos seus versos imortais. E os poetas goeses deram voz ao anseio secreto do seu povo fora de Goa. (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 34; tradução nossa)¹⁷

Lúcio Rodrigues apresentava-nos a poesia goesa, entrecruzada com a história de Goa que ultrapassava as fronteiras impostas, isto é, era definida por essa diáspora cultural e política. Designando a literatura como parte da ontologia de um povo, no caso o goês, desenhava uma identificação positiva através da expressão poética e literária, cujos contornos forneciam o sentimento de partilha e pertença, que eram facilmente reconhecidos por todos os envolvidos como algo familiar. O leitor juntamente com o crítico, sem se conhecerem, reconheciam-se nos traços em comum daquilo que liam. Outra característica da literatura goesa, apresentada pelo então jovem Lúcio Rodrigues, era o facto de, não só se expressar em várias línguas dentro do mesmo espaço nacional, mas ser definida por

17 The greater and more important part of the history of Goans during the past century has been a history of emigration. From the land that gave them birth they have fared forth into the wide world. But they have always looked back wistfully. The memories of home, the yearning to be back once more in the village where they spent the best part of their youth, have always remained with them in their wanderings. This spiritual love of the home lies deep in the heart of every Goan; and it nowhere seen more clearly than in Goan poetry. Literature has always expressed the soul of a people. Their thoughts, their feelings, their passions, their hopes, their achievements, their exultations have found an echo in their literature. The poet has invariably sung them in immortal verse. And Goan poets have given a voice to the secret yearning of their people abroad for Goa. Goan poets have written in many languages.

esse multilinguismo (CASTRO, BRAGA, GARMES, 2016, p. 313-321) ao contrário da maioria das literaturas nacionais.

Os poetas goeses escreveram em muitas línguas. Mas como objecto deste ensaio eu escolhi os que se têm expressado em inglês. Três nomes compõem, por enquanto, a história da poesia goesa em inglês: Joseph Furtado, Prof. Armando Menezes e M. C. Rodrigues. Eles passaram a sua juventude, o período mais impressionável das suas vidas, em Goa. Eles respiraram o ar puro do campo verdejante; eles correram pelos cajueiros nativos; eles viram a vida simples e o trabalho do povo; eles ouviram a música da natureza; sentiram a alegria de viver. Eles viram, ouviram e sentiram, a alegria de viver. As suas memórias são um tesouro de paisagens, sons e afectos antigos, e quando cantam, reminiscências do que amaram, e lembram outros tempos, roubados para os seus versos. (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 34; tradução nossa)¹⁸

José Joaquim Furtado (1872-1947) nascido em Bardez, conhecido como Joseph Furtado, era o mais velho dos três e era celebrado tanto em Goa como em Bombaim como poeta e romancista (FURTADO, 2005, p.124-136). Escrevia em português, inglês e concani e, segundo os seus biógrafos, tentou algumas experiências poéticas em *pidgin*, o crioulo usado nas zonas mais pobres de Bombaim, que misturava inglês com várias línguas vernaculares. Publicou, em 1927, um estudo crítico sobre outros poetas goeses intitulado *Principais poetas goeses (Um estudo crítico)*, no qual incluiu nove poemas seus em português. Esse estudo analisava as obras de Mariano Gracias, Floriano Barreto, Nascimento Mendonça e Paulino Dias. Lúcio Rodrigues apresentava-o como o mais goês dos três escolhidos pela temática constante sobre Goa. O exílio era o assunto predominante das principais coletâneas que publicou e que traduziam essa realidade, *A Goan*

18 But for the purpose of this essay I take only those who have expressed themselves in English. Three names make up, so far, the history of Goan poetry in English: Mr. Joseph Furtado, Prof. Armando Menezes and Mr. M. C. Rodrigues. They have spent their youth, the most impressionable period of their lives, in Goa. They have breathed the pure air of the green countryside; they have romped about on the native cashew-ills; they have seen the simple life and labour of the people; they have heard the music of nature; they have felt the joy of living. They have seen, heard and felt the joy of living. Their memory is a treasure of old sights and sounds and affections, and when they sing, reminiscences of what they have loved and remembered, mellowed and enriched by time, steal into their verse.

Fiddler, The Desterrado e *Songs of Exile*. Lúcio Rodrigues resumia o sofrimento do poeta, que era o mesmo de todos os que eram obrigados a partir da terra onde tinham nascido: “Sob céus estranhos o exilado vagueia, procurando consolo nas memórias de melhores dias”¹⁹ (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 36; tradução nossa).

A poesia de Armando Meneses, segundo o crítico, era diferente daquela de Joseph Furtado como era diferente a cultura dos dois autores. A poesia do primeiro poeta era caracterizada pela naturalidade e a espontaneidade, encantadora e bela pela sua simplicidade. Já Meneses era um artista das palavras, cujos poemas eram uma escultura acabada. Para significar o que dizia, comparou John Milton com Meneses, e Robert Herrick com Furtado. Uma poesia para sentir, outra para pensar. O que as unia era o amor a Goa por meio do espírito do exílio. Meneses escrevera a história da emigração e do exílio goeses através da poesia, em *The Exiles, The Emigrant* e *The Commedia Goana*. Meneses²⁰ era, também, um intelectual, um activista político, que usava a sua escrita para apelar ao nacionalismo indiano dos goeses e mobilizá-los contra a opressão colonial. Como notava Lúcio Rodrigues:

Dawn traz uma nota de agitação patriótica.

É um emocionante apelo à ação, um estar de pé e fazendo.

O exilado percebeu a causa do exílio.

Irmãos! nós acordámos numa gloriosa alvorada

Que o sofrimento e a tristeza acabem

Um fim à solidão que nos mantém em baixo

Vamos quebrar as grilhetas da escravidão.

Vamos ser um só, vamos ser livres. (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 37; tradução nossa)²¹

19 Under foreign skies the exile wanders, seeking consolation in the thousand memories of better days.

20 O autor compara a poesia de Meneses a John Keats porque, tal como ele, na sua poesia transparecia o amor ao princípio da beleza em todas as coisas.

21 *Dawn* strikes a stirring patriotic note. / It is a thrilling call to action, to be up and doing. / The exile has realised the cause of his exile. / Brothers! We waken in a glorious dawning / Let be an end to sufferance and base sorrow. / An end to lowliness that keeps us low. / Let us break the fetters of thralldom. / Let us be one, let us be free.

“Songs of Exile” e “Homeward”, do poeta, escritor e músico Manuel Caetano Rodrigues (1908-1981) foi o último exemplo apresentado por Lúcio Rodrigues para, por meio de uma análise crítica comparada²² (COUTINHO e CARVALHAL, 1994), encontrar alguns aspectos distintivos da poesia goesa. Embora mantendo-se o tema do exílio, da emigração, da diáspora, sua poesia esta era uma outra maneira de expressar o espírito do exilado, através do neo-romantismo vitalista, o vitalismo das primeiras décadas do século XX. Rodrigues não falava da infância em Goa, como Furtado, ou fornecia a imagética colorida dos sons e cheiros de Goa de Meneses, mas nos poemas “Boat Song” e “Exile”, por exemplo, conseguia através de viagens subjectivas, dar a ideia do sofrimento e da solidão do goês exilado, perdido de casa e de amigos. “A caminho de casa, mas nunca em casa”²³ (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 37), diria Lúcio Rodrigues.

Nos exemplos apresentados, para além da existência de uma história da população goesa que dava corpo àquela poesia, havia a própria vivência do poeta, que era formatada pelos usos, costumes e tradição folclórica, com seus heróis populares e homens comuns. Lúcio Rodrigues procurava uma unicidade coletiva, na multiplicidade individual dos poetas e, nela, encontraria a identidade de todos eles, incluindo a do crítico e dos leitores da Revista.

O sentimento de exílio na sua poesia está expresso de várias maneiras, e expressa-se melhor quando é espontâneo e quase inconsciente. Há poemas onde o poeta vira os olhos para casa e com um anseio patético canta o seu exílio de casa. Nestes não há engano quanto ao amor pela Mãe Goa. Frequentemente ‘o antes e o agora’ é o tema, a glória do passado e o triste contraste com o presente. Mais frequente, é visto na escolha de temas tipicamente goeses ou em referências com a beleza das formas da natureza, a vida nativa com os seus costumes e superstições, com todas as suas cores e alegria. Tais poemas estão cheios da cor local e os poetas revivem a sua primeira experiência. Mas melhor de tudo, o espírito de exílio pode ser sentido como uma presença subtil invadindo a imagética do poeta, por isso ele

22 A literatura comparada é aqui utilizada para fortalecer a ideia de uma literatura nacional comparando dentro do espaço que se pretendia constituir uma unidade nacional, à semelhança do comparativismo inglês. A comparação surge com autores ingleses consagrados surge como uma espécie de legitimação da seriedade do trabalho do crítico e dos poetas.

23 Homeward but not home.

revela o seu anseio espiritual pela sua terra. (*Goan World*, dezembro de 1939, p. 35; tradução nossa)²⁴

Armando Meneses principalmente, mas também, Manuel Caetano Rodrigues e Lúcio Rodrigues escreviam regularmente na revista. Artigos de crítica literária, ensaios, e sobretudo, poesia e contos. Este último gênero literário era reconhecidamente um produto inspirado nos contadores de histórias, que ganhara um novo fôlego com o estilo da reportagem, importado do jornalismo. Armando Menezes já defendia em 1934 que “A distinção entre jornalismo e literatura não podia ser mantida como até aí, já que muito trabalho criativo aparece nos jornais, enquanto que, tanta ‘literatura’ foi invadida pelo jornalismo” (*O Anglo-Lusitano*, 7 de julho de 1934, p. 13).²⁵

Os levantamentos de lendas e textos sagrados, em que os vários nacionalismos tentavam fundamentar as originalidades nacionais, estruturavam, também, o fundo de oralidade deste gênero literário²⁶:

Escreva sobre o que sabe melhor. Sobre as pessoas entre as quais tem vivido. Gente simples talvez; gente humilde; gente cujas vidas são apenas as suas. Quero dizer, tentar uma vida que possa ser um símbolo da própria Vida [...] em qualquer caso, não impingir sobre as pessoas pobres a sua própria concepção trágica ou romântica

24 The sentiment of exile in their poetry is expressed in several ways, and best expressed when it is spontaneous and almost unconscious. There are poems where the poets turn their eyes homeward and with a pathetic longing sing of their exile from home. In these there is no mistaking the love of the poets for Mother Goa. Often ‘then and now’ is the theme, the glory of the past and the sad contrast of today. More often, it is seen in the choice of a typically Goan subject or in references to the beautiful forms of nature, the native life with its customs and superstitions, in all its colour and joy. Such poems are full of local colour and the poets re-live their early experience. But best of all, the spirit of exile can be felt as a subtle presence invading the imagery of the poet, so that he unconsciously betrays his spiritual yearning for home.

25 The distinction between journalism and literature cannot be strictly kept up, since so much creative work appears in newspapers while, on the other hand, so much ‘literature’ has been invaded by journalism.

26 Vale observar que a relação entre o conto moderno e a oralidade foi recorrente na história literária, bastando lembrar nomes como Munshi Premchand, Sarat Chandra Chattopadhyay e Rabindranath Tagore a Guy de Monpassant, Émile Zola, Charles Dickens, Eça de Queirós, Machado de Assis, João do Rio, Franz Kafka, Saadat Hasan Manto, Chesterton, Ernest Hemingway, Edgar Allan Poe, Graciliano Ramos, João Alcântara Machado, Fernando Pessoa, Ismat Chughtai, José da Silva Coelho e tantos outros, a maioria jornalistas e autores reconhecidos do gênero.

ou cínica, da vida. Vá até eles com toda a humildade, com toda a honestidade. Tente viver as suas pequenas vidas. Seja uma criança com crianças. Seja ‘rude’ com rudes [...] E você vai, ao mesmo tempo, escrever história, meu rapaz, e sociologia também. E você está a ajudar o seu povo a ver-se tal como é. (*Goan World*, abril de 1939, p. 14; tradução nossa)²⁷

Esta dupla ligação de que falámos primeiro, entre o local e o global, vamos encontrá-la neste artigo do professor Armando Meneses sobre como escrever contos, em que estavam definidos os mandamentos do Realismo. Presente também, a consciência do papel da literatura enquanto forma de auto-representação de um povo, assim como objecto de estudo, como expressão artística de uma colectividade e documento e fonte da história e das ciências sociais.

Em Conclusão

A revista *Goan World* era um espaço para representação de várias das realidades que cruzavam a sociedade indiana de Bombaim, lugar cosmopolita de histórias conectadas dos vários impérios que por ali passavam. Revista católica de iniciativa goesa, preservava a sua identidade face às outras comunidades por intermédio da denominação “indo-portuguesa”, que no caso era, como vimos, uma demarcação cultural e política necessária fora do espaço de Goa. Era também uma revista intelectual, já que o seu fundador e os principais colaboradores eram membros da comunidade académica, que pretendiam intervir e dar soluções para a melhoria das comunidades goesas espalhadas pelo mundo sendo nesse sentido, também, uma revista da emigração, pois fazia circular as notícias sociais do quotidiano de cada comunidade da diáspora goesa, sobretudo em África.

27 Write about you know best. About the kind of people you have been living among. Plain people maybe; humble people; people whose lives are just their lives. I mean, to attempt a life which may be a symbol of Life itself [...] in any case don't foist on the poor people your own tragic or romantic or cynical conception of life. Go to them in all humility, in all honesty. Try to live their little lives. Be a child with children. Be 'crude' with crude [...] And you will at the same time be writing history, my boy, and sociology too. You are helping your people to see themselves as they are.

Em termos políticos, durante a década de 1930 revelou ser contra a ditadura colonial portuguesa, a favor da democracia que a maioria do Congresso Indiano defendia. O sistema representativo, a cidadania, a aceitação das minorias contra o sistema de castas, e a tolerância religiosa no sentido da criação de uma sociedade laica constituíam o modelo que surgia nas páginas dos editoriais políticos da *Goan World*. Respondia, assim, à complexidade da sociedade indiana no seu todo, que cruzava tensões e problemas de casta, classe e gênero, em paralelo com a luta de libertação colonial. Esta construção, que de certa forma era global, cruzou também com o problema das ideologias nazistas e fascistas, concretizadas nos regimes autoritários na Europa e a conseqüente guerra, cujos efeitos negativos no futuro do continente Asiático foram percebidos pelos redatores da revista. Estes aderiram à posição majoritária do Congresso Indiano de suspensão da luta pela independência da Índia em apoio à luta aliada contra Hitler e Mussolini. Em termos gerais, a redação da *Goan World* era pela independência da Índia inglesa e perspetivava uma autonomia goesa nesse enquadramento. Para além de afirmar a existência de um nacionalismo católico, a revista abria sobretudo para a realidade de Goa e apelava para que os goeses, católicos ou hindus, contribuíssem de forma decisiva para o futuro que previam próximo, como parte de uma nova Índia de estados federados.

Dentro desse quadro, Goa precisava comprovar ser dotada de uma cultura literária própria, demarcada pelas influências que se conheciam, isto é, as de uma tradição cultural e de uma história partilhada e as que apontavam para as narrativas nacionais contemporâneas. O sistema de representações que resultava do diálogo permanente entre nacionalidade e literatura teria de ligar as várias particularidades e universalidades, que tornavam o mundo das nações inteligível na unidade das diversidades.

Lúcio Rodrigues analisou a poesia em língua inglesa de três poetas goeses e expôs suas várias características em comum, para demonstrar a existência de uma cultura literária peculiar: o multilinguismo, a interculturalidade ética e o espírito de exílio ligados a dependências coloniais, a perseguições políticas e religiosas, e também, mas ainda por essa via, à necessidade económica de emigração, para garantir a subsistência. Por mais variadas que fossem as razões da diáspora, ela constituía um traço comum na prosa e na narrativa poética goesa de língua inglesa. Os autores escolhidos tinham níveis de cultura e erudição diversos, mas segundo o crítico, cultivavam o amor à Goa como tema literário, e

esse era um traço comum à poesia e literatura goesas. A escolha dos três poetas era uma forma de começar uma história cultural através de uma narrativa literária do povo, que lhe dava o ser e a justificava como existência nacional.

Entre as tradições históricas fundadoras, indiana em primeiro lugar, europeia e portuguesa em segundo, desenhava-se uma literatura global de que Goa fazia, também, parte. O naturalismo e realismo dos contos, ou o romantismo que os antecedeu e com que conviveram, são bons exemplos, mas não únicos, dessa interconexão cultural que faz parte de um todo cultural e político, que torna o mundo pós-colonial mais compreensível, nas alternâncias entre ruturas identitárias, realidades partilhadas e permanências locais.

Referências

- BRAGANÇA, Luís Meneses. “Pelos nossos direitos”. *Pracasha*, 21 junho 1933, p. 1.
- GOAN WORLD (redação). “*Goan World*”, Bombaim, fevereiro 1924, p. 2.
- _____. “Our First Bow”. *Goan World*, Bombaim, janeiro de 1939, p. 26.
- _____. “Cui Bono”, *Goan World*, Bombaim, junho de 1939, p. 6-7.
- _____. “Germany and Goa”, *Goan World*, Bombaim, novembro de 1936, p. 1.
- _____. “Congress Message to Catholics”. *Goan World*, Bombaim, fevereiro de 1939, p.1.
- _____. “India and the War”. *Goan World*, setembro de 1939, p.1
- CASTRO, Paul Melo; BRAGA, Duarte; GARMES, Hélder (orgs). “Colectânea de contos goeses”. *Via Atlântica*, São Paulo, nº 30, p. 313-321, Dez/2016.
- COUTINHO, Eduardo F. & CARVALHAL, Tania Franco (orgs). *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.
- D’LIMA, Edward Joachim. *Creative and Critical Writings of Armando Menezes*. Thesis submitted to Goa University. Goa, May 2003.
- FURTADO, Joseph. *Early Indian Poetry in English, An Anthology: 1829-1947*, edited and with an Introduction by Eunice de Sousa. Oxford University Press, 2005, p. 124-136.
- FURTADO, António. “On the banks of Mandovi”. *Goan World*, Bombaim, Abril 1939, p. 17/8.
- GOMES, Cornélio. “The Portuguese colonial policy” *Goan World*, Bombaim, março 1939, p. 1
- _____. “Conkani mother-tongue of Goans”. *Goan World*, Bombaim, novembro 1936 p. 35/6.

GOMES, Paulo Varela. “Bombay Portuguese: ser ou não ser português em Bombaim no século XIX”. *Revista de História das Ideias*, Imprensa da Universidade de Coimbra, vol.28, 2007, p. 567-608.

LOBO, Sandra Ataíde, para o século 19. “The *O Anglo-Lusitano*: In Search of Identity”. *Hispanic Horizon: Journal of the Centre of Spanish, Portuguese, Italian & Latin American Studies*. New Delhi, Jawaharlal Nehru University, no. 32 (2015): Special Issue on Portugal, p. 45-64.

MENESES, Armando de. “Letters to granny: Our motherland”. *Goan World*, Bombaim, fevereiro 1939, p. 5/7.

_____. “Letters to granny: On ourselves and Congress”. *Goan World*, Bombaim, fevereiro 1939, p. 15-17.

_____. “Letters to granny: On our Journalism”. *Goan World*, Bombaim, janeiro 1939, p. 14/16.

_____. “Letters to granny: How to Write a Short Story”. *Goan World*, Bombaim, abril 1939, p. 14.

_____. “Indo-Portuguese Literature”. *Anglo-Lusitano*, 7 de julho 1934, p. 13.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.

NUNES, Hedwiges. “Recollection of Spain”. *Goan World*, outubro de 1936, p. 16-17.

RODRIGUES, Lúcio. “Poetry and Exile”. *Goan World*, Bombaim, dezembro 1939, p. 34/37.

SETHI, Rumina. *Myths of the Nation: National identity and Literary Representation*, Oxford: Clarendon Press, 2002.

SILVA, Cristina Nogueira da. “Assimilação, assimilacionismo e assimilados no império português do século XX: uma relação equivocada”. In: XAVIER, Ângela Barreto e SILVA, Cristina Nogueira da (orgs). *O governo dos outros: poder e diferença no império português*. Lisboa. ICS, 2016, p. 323-364.